

**DA EDIÇÃO DA LITERATURA FRANCESA
CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL:
CONVERSA « EM DIFERIDO » COM MANUEL ALBERTO
VALENTE**

Manuel Alberto Valente é um dos editores literários portugueses em exercício com mais larga experiência. Começou por colaborar em projetos editoriais sedeados no Porto, como a Editorial Inova e as Edições « Oiro do Dia », antes de se radicar em Lisboa, em 1981, para aí assumir a direção editorial da D. Quixote, uma das principais editoras de literatura estrangeira em Portugal desde a última década de 60. Nos anos 90 e até 2008, foi responsável pelo catálogo de literatura das Edições Asa e é atualmente diretor editorial do grupo Porto Editora.

De formação francófona, como todos os intelectuais da sua geração, Manuel Alberto Valente foi naturalmente responsável pela edição de vários autores franceses contemporâneos nas editoras por que passou. Orgulha-se em particular de ter sido o responsável pela introdução entre nós de Milan Kundera, o autor de *A Insustentável Leveza do Ser* que rapidamente se tornaria também um romance de culto no Portugal de meados da década de 80. Um pouco mais tarde, viria a ser um dos poucos editores a apostar no universo de Patrick Modiano, muito antes que alguém, inclusive o próprio escritor, pudesse suspeitar que poderia vir a ser Nobel da Literatura... A atenção dada ao universo francófono no quadro da sua atividade profissional valeu-lhe inclusive o título de Cavaleiro das Artes e das Letras, distinção honorífica atribuída pelo Estado francês.

Apesar das enormes transformações ocorridas ao longo das últimas décadas no universo editorial, bem como em geral no campo literário, Manuel Alberto Valente tem sempre procurado adaptar-se às novas « regras do jogo », leia-se às « regras do mercado », por entender que elas constituem também condição e resultado do alargamento democrático do público-leitor. Consciente das limitações estruturais de um pequeno país como Portugal onde se lê comparativamente pouco, este editor no maior grupo editorial português está longe de enveredar por qualquer tipo de discurso radioso para a edição literária, e tão-pouco acredita que o editor tenha um grande poder, a não ser (e já não será

pouco) aquele que lhe permite negociar alguns títulos mais « comerciais » em troca da possibilidade de editar outros menos vendáveis, ou o de rejeitar aquilo que considera não ter qualquer valor estético.

A « conversa em diferido », que a seguir se transcreve, decorreu ao longo de alguns meses de 2015, ao ritmo espaçado de questões que lhe foram sendo colocadas por email e às quais Manuel Alberto Valente teve a gentileza de responder, também por via eletrónica. Como facilmente se entenderá, a então recente atribuição do Prémio Nobel a Patrick Modiano esteve na origem deste primeiro inquérito aberto àqueles que continuam a ser, apesar de tudo ou « contra ventos e marés », agentes fundamentais de tradução literária e da dinâmica entre línguas e culturas.

Ana Paula Coutinho – Começarei por constatar que a entrada de Patrick Modiano no universo literário português, através da tradução, deu-se apenas em 1987, se não me engano, por isso, com um « décalage » temporal considerável relativamente à edição em França: *Na Rua das Lojas Escuras* (Relógio d'Água) – um romance que tinha recebido o Goncourt em 1978 - e *A Ronda Noturna* (Limiar), que é um romance que data ainda década de 60.

Foi por essa altura (finais da década de 80) que o Manuel Alberto descobriu a obra de Modiano? Qual foi a primeira obra que leu dele? O que lhe chamou a atenção na sua escrita? E o que o levou a querer editá-lo passados mais de 10 anos dessa primeira entrada de Modiano nos catálogos portugueses?

Manuel Alberto Valente – Quando eu li (em francês) os *Domingos de Agosto* (nos anos 80), não conhecia nada do autor, embora soubesse do seu prestígio em França. Cativou-me de imediato aquilo a que os críticos chamaram depois a sua « pequena música » – essa voz quase em surdina que relembra o passado e nos coloca perante os grandes problemas do Homem e do mundo; essa obsessão com a memória que me era familiar e, portanto, me tocava muito. E portanto quis logo traduzi-lo e publicá-lo. Ao contrário do que diz, não tinham passado mais de 10 anos sobre as suas edições portuguesas – tanto o *Na rua das lojas escuras* como o *Ronda Noturna* foram cá publicados na mesma época (1987). Estávamos todos a descobrir novos nomes depois da « escuridão » que

tenham sido os anos pós-revolucionários, dominados quase exclusivamente pelos livros políticos.

Ana Paula Coutinho – É curioso isso que diz sobre o desejo/necessidade de encontrar outros imaginários em meados dos anos 80... Tem sido esse o seu grande objetivo, enquanto leitor e editor, encontrar vozes estrangeiras alternativas a um certo *mainstream* nacional? Ou qual é a sua grande preocupação enquanto responsável por um catálogo de literatura, inclusive estrangeira?

E já agora, aproveitando para voltar mais concretamente ao caso Modiano: Quando atrás falei de um « décalage » de quase 10 anos, estava a referir-me ao facto de uma obra como *Rue des Boutiques Obscures* ter sido publicada em 1978, ano em que ganha o Goncourt, e só ter sido publicada em Portugal em 1987... Por norma, Prémios como o Goncourt desencadeiam ou facilitam a tradução imediata, ora não foi o caso... Em 1978, Portugal não estava preparado para receber a escrita, o universo de Modiano, é isso?

Que peso costumam ter para as suas decisões, ou para os projetos editoriais a que tem estado ligado, os prémios, nacionais ou internacionais?

Manuel Alberto Valente – Ora voltemos, então, à nossa conversa... Começamos pelo Modiano. Quando o *Rue des Boutiques Obscures* foi publicado, em 1978, Portugal estava ainda a sofrer os efeitos do PREC: os livros publicados eram essencialmente políticos e ninguém queria saber da literatura. O corte epistemológico dá-se em 1982, quando, comigo lá, a Dom Quixote começa a publicar a coleção « Ficção Universal ». Não espanta por isso que aquele livro surja cá em 1987 – as editoras estavam então a fazer um enorme esforço para recuperar, digamos, os anos perdidos.

Os prémios têm evidentemente a sua importância... mas já tiveram mais. Hoje em dia, diria que só o Nobel e o Booker Prize contam alguma coisa.

Agora: qual tem sido o meu grande objetivo enquanto editor? Eu julgo que tem sido dar a ler obras que considero importantes, sem esquecer que há dois tipos de leitores: os que consomem literatura pura e dura, e aqueles, mais *mainstream*, que procuram na literatura também entretenimento. Respeito os dois e acho que um editor não pode esquecer qualquer um deles. É isso que tenho feito. Há aqui,

claro, uma grande dose de subjetivismo e de gosto pessoal, pois posso gostar de coisas que outros detestam, e vice-versa. Mas editar é também isso: arriscar, arriscar, arriscar sempre. Quando houver máquinas a decidir o que vai e o que não vai vender, a edição terá perdido todo o seu prazer. Prazer: eis outra palavra fundamental...

Ana Paula Coutinho – Então, quando decidiu insistir com Patrick Modiano, em 1999 (*Dora Bruder*), em 2009 (*No café da juventude perdida*) e 2011 (*O horizonte*), mesmo se já a trabalhar em editoras distintas, foi também ou sobretudo por « prazer do texto »? Prazer que, neste caso, se baseia exatamente no quê?

Manuel Alberto Valente – Prazer do texto, claro. Mas também convicção de que era um autor importante (como o Prémio Nobel veio comprovar). Em que se baseia o prazer? É tão difícil explicá-lo... Talvez a sensação de que estamos perante algo de novo, de que nunca ninguém disse aquilo daquela maneira.

Ana Paula Coutinho – Por outras palavras, o que é que, ao longo destes anos, o levou a continuar a acreditar no universo, de repetidas e inconclusivas buscas de Modiano?

Manuel Alberto Valente – A convicção da sua importância, o prazer que tinha ao lê-lo.

Ana Paula Coutinho – Considera importante que um editor se mantenha fiel a um dado autor (inclusive, estrangeiro), ou seja, que não se limite a disponibilizar um ou dois dos seus títulos?

Manuel Alberto Valente – A fidelidade a um autor parece-me essencial. É claro, no entanto, que uma Editora é uma empresa e tem de assegurar a sua rentabilidade. Se um autor não vende, é muito difícil continuar com ele. Mas é necessário insistir: por vezes, só ao fim de dois ou três livros se consegue impor um autor. O público leitor está mergulhado num mar de livros, é-lhe difícil descortinar novos autores, tende a seguir as vozes já consagradas.

Ana Paula Coutinho – Refere a necessidade de insistir com um autor... Mas o que pressupõe insistir? Continuar a editá-lo? E se esse autor/a continua a passar despercebido dos hábitos de leitura de uma determinada comunidade? Onde residirá a falha?

Manuel Alberto Valente – Insistir pressupõe confiar num autor (nas suas potencialidades) e continuar a editá-lo, mesmo que os primeiros resultados não sejam encorajadores. É evidente que, mesmo assim, há autores que não conseguem « entrar » nos hábitos de leitura de uma comunidade, por razões que nem sempre é fácil circunscrever.

Ana Paula Coutinho – Quais são as condições principais para que um autor vingue aos olhos dos leitores? E funcionam de igual para autores nacionais e autores estrangeiros?

Manuel Alberto Valente – No caso dos autores nacionais, a exposição mediática é quase tão importante como a real qualidade literária. No caso dos autores estrangeiros, é marcante o facto de já virem, de fora, rodeados de uma auréola de êxito. Consequências da chamada globalização...

Ana Paula Coutinho – Voltemos à questão do Prémio Nobel. Este ainda é muito importante para a afirmação de um escritor?

Manuel Alberto Valente – Julgo que, de todos os prémios, o Nobel é aquele que mantém maior poder de atração. Dou-lhe um exemplo: o romance *O Horizonte*, do Modiano, tinha vendido umas escassas centenas de exemplares; com o Nobel já ultrapassou os 5000. É como se as pessoas se sentissem obrigadas a ler um autor que foi oficialmente declarado importante...

Ana Paula Coutinho – No espaço de seis anos, a França teve dois escritores premiados com o Prémio Nobel, de resto com características bem distintas. Na sua opinião, o que poderá significar este reconhecimento duplo num curto espaço de tempo, e a apontar para imaginários criativos tão distintos?

Manuel Alberto Valente – Os caminhos do Nobel são por natureza invios, e daí que seja difícil tirar conclusões deste duplo reconhecimento. Tanto Le Clézio como Modiano são dois grandes escritores. Talvez tenha sido apenas isso que a Academia reconheceu. Custa-me elaborar teorias da conspiração a propósito de uma opção que é basicamente de gosto literário.

Ana Paula Coutinho – Deixe-me então voltar um pouco às perguntas e respostas anteriores, e começando pela última: Querer ver (ou fazer crer) que os critérios do Prémio Nobel são « basicamente de gosto literário » não será uma posição fundamentalmente « ingénuo »? Veja-se a atribuição desse Prémio a Winston Churchill...

Manuel Alberto Valente - Há realmente algo de ingénuo nessa posição, até pelos vários exemplos que se conhecem (Churchill é um deles). Mas custa-me perceber que motivações outras poderão orientar os jurados. A única coisa de que tenho a certeza é que é essencial ser mais ou menos conhecido nos países nórdicos para subir no catálogo das possibilidades.

Ana Paula Coutinho – Por outro lado, ao longo dos últimos anos tem-se verificado uma maior abrangência geocultural... Também por isso terá surpreendido que, num relativo curto espaço de tempo, houvesse dois Nobel da Literatura franceses, não lhe parece?

Manuel Alberto Valente – Apesar da maior abrangência geocultural, continuamos muito eurocentrados (metendo aqui à força a própria América). Le Clézio e Modiano são de certa maneira os pilares internacionais da França moderna. Ganhando um, era quase inevitável ganhar o outro (o que nos levaria a pensar, veja lá, no caso português Saramago/Lobo Antunes...).

Ana Paula Coutinho – Independentemente da qualidade do universo literário de Patrick Modiano (mas quantos autores há neste momento que também poderiam ser Nobel e, aliás, são apresentados cada ano como nobelizáveis...), e sem ser preciso falar em conspirações, não lhe parece que pode ter havido também

uma vontade de lembrar, através dele, à Europa e fora dela, um período ainda recente mas que se arrisca a desaparecer rapidamente da memória europeia e não só?

Manuel Alberto Valente – Aí não tenho nenhuma dúvida e estou de acordo consigo. Os jurados do Nobel são muito sensíveis às causas sociais e aos grandes problemas políticos. Numa linguagem fácil, poder-se-ia dizer que são muito « de esquerda ».

Ana Paula Coutinho – Será que podemos afirmar que estamos perante uma gradual recuperação simbólica da literatura/cultura em língua francesa, depois de uns 30 anos de declínio ou esmorecimento a nível internacional e, portanto, também entre nós?

Manuel Alberto Valente – Não creio, sinceramente

Ana Paula Coutinho – E já agora porquê?

Manuel Alberto Valente – Poderíamos considerar uma série de circunstâncias, entre elas o domínio quase absoluto da cultura anglo-saxónica a que se assiste desde há alguns anos. Mas também acho que a própria cultura francesa perdeu grande parte do fulgor que tinha e que, no que à literatura diz respeito, se enredou nas malhas de uma « autoficção » que lhe retirou alcance internacional e poder crítico.

Ana Paula Coutinho – Voltemos também à questão dos « hábitos de leitura », àquilo que acontece e àquilo em que um editor – conjuntamente com outros mediadores culturais – pode ou não fazer para alterar ou influenciar esse hábitos. Na sua perspetiva, o que poderia/deveria ser feito, no sentido de levar as pessoas não só a lerem mais como também a ler melhor, ou seja, a não ficarem limitados àquilo que surge como efeito reprodutor das leis de mercado?

Manuel Alberto Valente – O papel do editor é muito limitado. Claro que a sua « escolha » pode ser importante, mas não é ela que vai obrigar os leitores a ler. A verdade é que toda a arte de qualidade é, e será sempre, minoritária. Custa muito, mas é verdade...

Ana Paula Coutinho – Mas imagine que não tinha de pensar em termos de lucro ou de viabilização de uma editora enquanto empresa; que não tinha de pensar nos hábitos ou gostos do chamado « grande público », que obras francesas ou francófonas gostaria de ter no seu catálogo de literatura traduzida para português?

Manuel Alberto Valente – Gostava muito de ter alguns clássicos modernos que estão praticamente esquecidos. Roger Vailland, por exemplo. A Malraux já o recuperámos na nossa chancela Livros do Brasil. E continuamos a publicar alguns dos autores contemporâneos que mais me interessam: Olivier Rolin, Laurent Gaudé, Philippe Claudel, Jean-Paul Dubois. Apesar de tudo, a situação é satisfatória.